

DOM PEDRITO-RS-CONTRIBUIÇÃO A SUA HISTÓRIA

FHE **POUPEX**

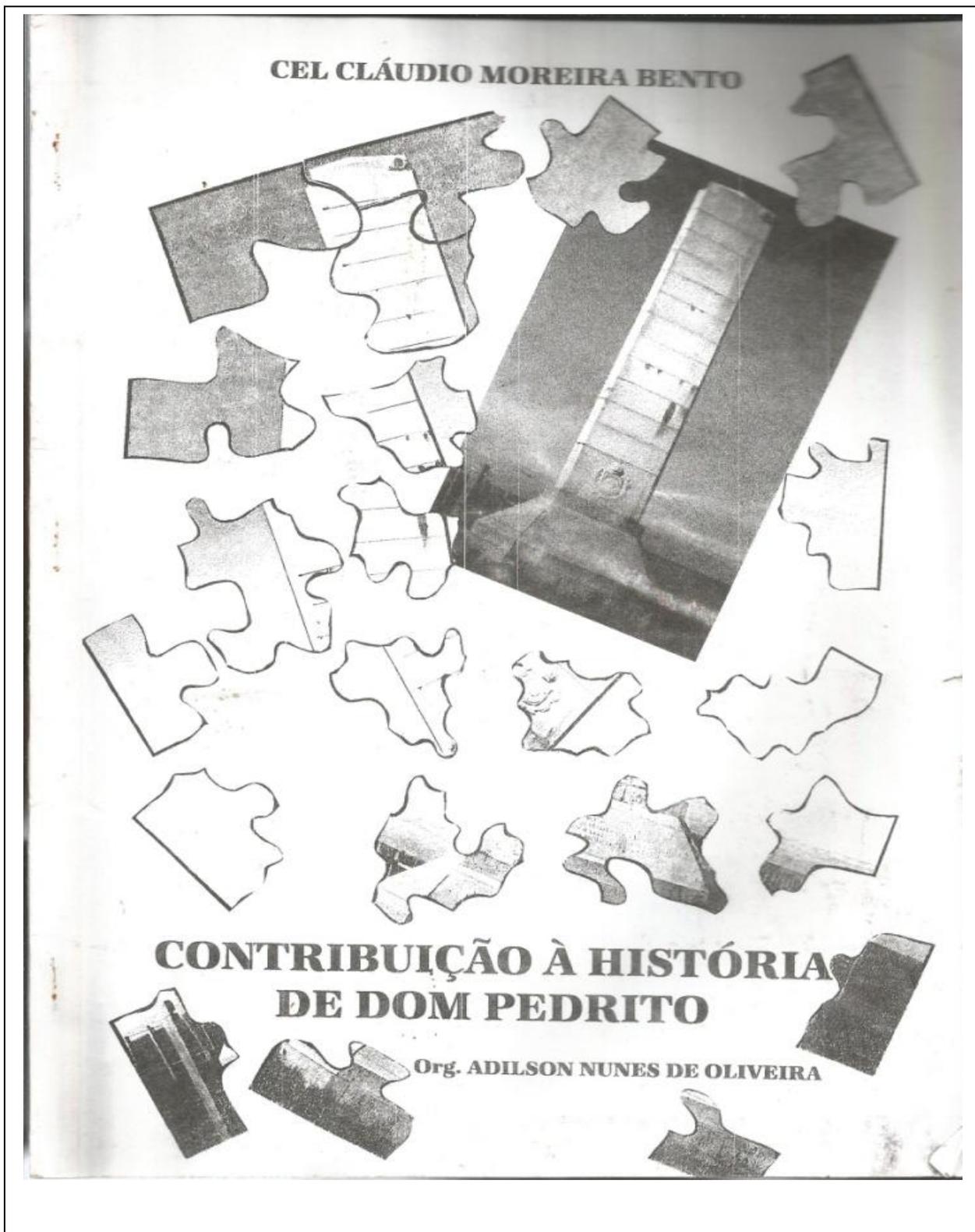


Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista. Natural de Canguçu-RS. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro e Sorocaba. Foi o 3º vice presidente do IEV no seu 13º Encontro do IEV em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende onde é titular da cadeira Conde de Resende e, Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Serviu no Estado-Maior do II Exército 1976/1977 , atual CMSE Desde 1978 esta ligado a Resende onde foi instrutor de História Militar na AMAN.E onde desde 1980 possui casa no Bairro Jardim das Rosas em Itatiaia.

Digitalização de publicação para disponibilizá-la na Internet, no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a

AMAN e em levantamento para disponibilizá-lo no Projeto Pergamium de Bibliotecas do Exército



CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DE DOM PEDRITO

478 h BENTO, Cláudio Moreira

Contribuição à História de Dom Pedrito / Cláudio Moreira Bento. Dom Pedrito: as,
2001

. História. Rio Grande do Sul. I Título

CDU 981 - 65

Índice para catálogo sistemático História: Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul :
História

Catálogo na Publicação
Bibliotecária Maria Izabel Freitas CRB 10/841

A Administração Municipal de Dom Pedrito, ao ensejo da 129ª Semana de Emancipação Política de Dom Pedrito e valorizando a trajetória histórica e cultural de sua gente, traz, à luz da inteligência gaúcha, este opúsculo, de autoria do renomado historiador Cel. Cláudio Moreira Bento. Acreditamos que somente o povo que ama e cultua o passado, sua história, suas raízes, enfim, é capaz de participar do presente para construir o seu futuro, por isso esta Administração sente-se orgulhosa de patrocinar esta publicação. Fica expresso, desta forma, em nome da comunidade, como um todo, a voz uníssona de agradecimento por esta preciosa colaboração à pesquisa histórica que o ilustre historiador militar faz a Dom Pedrito.

Quintiliano Machado Vieira

Prefeito Municipal

NOTA DO ORGANIZADOR

Trazer fatos do passado para a história do presente, há mais de 30 anos, tem sido uma constante das atividades do Museu Paulo Firpo, como instituição voltada para o estudo e divulgação da memória local, na busca da preservação do patrimônio cultural de seu povo. Nesse resgate, a produção literária sempre teve e terá seu espaço garantido — elemento e meio de registro e de multiplicar informações.

Coordenamos, com prazer, a publicação desta oportuna contribuição do Confrade Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO que, embora produzida nos idos do Primeiro Centenário de Dom Pedrito, traz consigo a atualidade e a certeza histórica, que os mestres — e digo, os bons historiadores — como o ilustre pesquisador, estão sempre a buscar. Entregamos, à intelectualidade pedritense e gaúcha, em especial, este opúsculo. Dom Pedrito, outubro de 2001 Adilson Nunes de Oliveira

Diretor do Museu Paulo Firpo

Organizador desta publicação

CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DE DOM PEDRITO

O município de Dom Pedrito acaba de comemorar o centenário de sua criação , por Lei nº 815, de 30 de outubro de 1872, embora sua instalação se fizesse cinco meses depois, em 2 de fevereiro de 1873.

TRATADO DE MADRID - 1750

Suas terras, ao norte do Santa Maria Chico e a leste do Santa Maria, passaram a pertencer a Portugal, por força do Tratado de Madrid.

A leste do Santa Maria faziam parte da enorme Estância de São Miguel, pertencente ao povo do mesmo nome e capital dos Sete Povos das Missões e que tinha por corregedor o índio Sepé Tiarajú.

As terras ao oeste do Santa Maria integravam a estância de São Nicolau, pertencente ao povo de mesmo nome e conquistadas no período de 1889 - 1812, por ordem de D. Diogo de Souza, nas operações complementares à atuação do Exército Pacificador que, de Bagé, penetrou no atual Uruguai, em socorro do governador Élio, que administrava o território em nome de Portugal.

POSTO OU ESTÂNCIA SANTA ANA

Os demarcadores do tratado de Madrid já assinalaram, em 1756, no local onde ergue-se hoje a cidade de Dom Pedrito, uma estância ou posto de estância jesuítica, denominada Santa Ana.

Este núcleo populacional era constituído de dois a três ranchos de palha, um rancho capela, tendo a frente um cruzeiro de madeira e uma mangueira para o gado, à semelhança de diversos núcleos idênticos, que os exércitos demarcadores encontraram em seu itinerário, na Guerra Guaranítica, de Santa Tecla até São Miguel, nos Sete Povos das Missões.

GUERRA GUARANÍTICA

Nas terras da estância São Miguel, que abrangia além de parte do município de Dom Pedrito, os de Bagé, São Gabriel, Lavras do Sul, São Sepé, Formigueiro e Santa Maria, foi onde os índios missioneiros ofereceram maior resistência em 1754 ,à penetração dos exércitos de Espanha e Portugal, encarregados de expulsá-los para a margem esquerda do Rio Uruguai.

Na Estância São Miguel, tombou morto, em 7 de fevereiro de 1756, após um lançamento de um peão português, seguido de um tiro de pistola, do governador de Montevideo, o intrépido e legendário líder de combate de seu povo, o índio Sepé Tiarajú Este local fica dentro da cidade de São Gabriel e está balizado.

Em 10 de fevereiro desse mesmo ano, travou-se o combate de Caiboaté, que durou hora e meia, ao final do qual, mil e quatrocentos índios morreram sob armas sofisticadas dos exércitos de Portugal e Espanha, num protesto comovente contra a invasão de suas terras e pela ingratidão de Espanha que, nas lutas para a expulsão dos portugueses de Colônia do Sacramento, havia recorrido, sistematicamente, ao concurso militar dos índios missioneiros.

Eles se julgavam traídos, pois tinham que abandonar suas terras, cedidas por Espanha ao inimigo comum de ontem.

TRATADO DE SANTO ILDEFONSO - 1777

Em 1761, com a anulação do Tratado de Madrid, as terras de Dom Pedrito, que pertenciam a Portugal, retomaram a Espanha e assim permaneceram com o Tratado de Santo Ildefonso de 1777.

A linha divisória passava a leste da ferrovia Bagé - São Gabriel e os limites oeste dos Campos Neutrais, eram mais ou menos balizados pelo atual trecho ferroviário Torquato Severo - Ibaré - Suspiro.

RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

Em 1786 - 1788, uma subdivisão portuguesa de demarcação do Tratado de Santo Ildefonso, sob a chefia do Coronel de Engenharia Dr. José Saldanha, reconheceu o território do município a leste do Santa Maria, juntamente com um contingente de Dragões do Rio Grande sediados em Rio Pardo.

Em mapa original, existente na Diretoria do Patrimônio do Exército, datado de 1792, aparece assinalado, no local onde se ergue hoje a cidade de Dom Pedrito, um povoado.

A ele ia ter um caminho que partia da Fortaleza de Santa Tecla, recuperada, na época, pelos espanhóis..

E dele sai um caminho que atravessava o rio Taquarembó e fazia enorme volta ao norte do mesmo e retomava à origem.

GUERRA DE 1801

Na guerra de 1801, é presumível que os espanhóis tenham estabelecido uma guarda no local, abandonada às pressas, ao aproximar-se o Regimento de Dragões do Rio Grande sediados em Rio Pardo, ao comando do intrépido e legendário Coronel Patrício Corrêa da Câmara que havia, como major, participado da conquista de Santa Tecla em 1776 e de onde, atravessando o atual município de Canguçu, do que deixou relatório de sua marcha, e foi guarnecer o Taim, face a ameaça de invasão por mar em 1777 do agora Vice Rei do Rio da Prata, General D. Pedro Ceballos.

Nesta ocasião, Patrício e seus Dragões, conquistaram em definitivo essa parte do Rio Grande, após expulsar os espanhóis de São Gabriel do Batovi (erigido nos Campos Neutrais), de Santa Tecla e, eliminado a tentativa derradeira, ao final da guerra, de uma coluna espanhola enviada de Cerro Largo (atual Mello), em socorro aos Sete Povos, já conquistados, por Dragões de Rio Grande em Rio Pardo e gaúchos, liderados pelo furriel de dragões Gabriel Ribeiro, soldado dragão Borges do Canto e o aventureiro Manuel dos Santos Pedroso.

Patrício Corrêa da Câmara, após oferecer resistência à coluna espanhola em São Gabriel atual, e no Passo do Rosário, a obrigou a retroceder, selando o destino brasileiro das terras de Dom Pedrito, a leste do rio Santa Maria, de São Gabriel, Bagé, Cacequi e parte e Rosário do Sul.

POVOAMENTO

Em conseqüência da guerra de 1801, teve início o povoamento português, efetivo, das terras de Dom Pedrito, a leste do rio Santa Maria.

Seus primeiros povoadores foram os combatentes das guerras do período 1763-1801, que receberam terras no local, como prêmio, de assinalados serviços militares prestados na conquista e defesa do território. Durante oito anos, até que D. Diogo de Souza ordenasse a conquista do imenso e rico território entre os rios Santa Maria - ibicui - Uruguai - Quarai, o rio Santa Maria foi fronteira entre Espanha e Portugal.

Nesse período, por certo, fixou-se no local o contrabandista, de origem espanhola Pedro Ansuateguy, alcunhado Don Pedrito, por ser muito magro e alto, que emprestaria seu apelido, à cidade e município de Dom Pedrito.

CONQUISTA DO DISTRITO DE ENTRE RIOS

As terras de Dom Pedrito a oeste do Santa Maria, foram conquistadas no período 1809 - 1828. Passaram a pertencer, em definitivo, ao Brasil, com a independência da Província Cisplatina, embora os portugueses nelas incurcionassem a partir de 1801.

PROGRESSO

A partir de 1812, o local começou a progredir a olhos vistos, dada sua importante situação geográfica, como ponto de passagem obrigatório entre Alegrete e Bagé.

Nas guerras e revoluções do sul, no período 1812 - 1852, o passo do Santa Maria era o ponto obrigatório de passagem de tropas, pois, mais ao sul, o terreno dificultava o movimento por ser cortado por uma série de arroios e banhados.

Após a Revolução Farroupilha a região conheceria grande progresso.

DEMARCAÇÃO DA VILA

Em 2 de fevereiro de 1854, chegou à povoação para demarcar suas ruas e praças, o Capitão Hermes Ernesto da Fonseca, do Regimento de Artilharia a Cavalos (o atual Regimento Mallet, de Santa Maria) unidade que se celebrizara na Campanha contra Oribe e Rosas, onde adquirira o célebre apelido "Boi de Botas".

Hermes Ernesto da Fonseca participou ao lado de Mallet, da Batalha de Tuiuti. Era irmão do Proclamador e primeiro Presidente da República o Marechal Deodoro da Fonseca e pai de outro Presidente da República, o Marechal Hermes da Fonseca, nascido em São Gabriel, bem como irmão do Marechal Severiano da Fonseca, Patrono do Serviço de Saúde do Exército.

PAZ DE PONCHE VERDE

Dom Pedrito abriga em suas terras dois sítios de imensa projeção histórica dentro do objetivo nacional permanente de Unidade Nacional: Campos de Carolina, em Ponche Verde, e a Guarda Velha de Santa Maria ou margem direita do rio Santa Maria.

Com a paz, incorporada à tradição como de Ponche Verde, que pôs fim a dez anos de luta fratricida entre brasileiros imperiais e republicanos farrapos encerrou-se o mais perigoso ciclo revolucionário de nossa história em 7 de abril de 1831, com a abdicação de D. Pedro I e que ameaçou tornar o Brasil num aglomerado de pequenas republiquetas hostis entre si. Então revoluções eclodiram em diversas partes do Brasil, incendiando o território de norte a sul.

A Paz do Ponche Verde foi o epílogo, o reencontro da família brasileira em torno da Unidade Nacional - física e espiritual e eterna, da Pátria Brasileira depois de 10 anos de lutas.

Se em Guararapes foram asseguradas a Integridade e Unidade do Brasil Colônia, com a Paz do Ponche Verde, nos campos de Carolina e da Guarda Velha do Santa Maria, foram asseguradas a Integridade e a Unidade do Brasil Independente. E por isto, evento de grande significado para D. Pedrito que os testemunhou e suas terras foram cenário histórico.

CAXIAS EM DOM PEDRITO

O Barão de Caxias, durante a Pacificação estava no município de Dom Pedrito. Não em Ponche Verde na Lagoa das Conchas e, sim, na margem direita do Rio Santa Maria, nos campos de Alexandre Simões, local também conhecido como Guarda Velha de Santa Maria. Este local do Quartel General do Barão de Caxias era muito provavelmente, próximo a atual cidade de D. Pedrito, fato a ser pesquisado e confirmado, ou não, por historiadores de Dom Pedrito.

O lugar precisa ser localizado. A verdade histórica é a seguinte: Ao final das negociações de paz da Revolução Farroupilha, Caxias desviou-se de Bagé para a Guarda Velha do Santa Maria.

Em 25 de fevereiro, Antônio Vicente da Fontoura conseguiu reunir em Ponche Verde (Lagoa das Conchas) os principais chefes farroupilhas que assinaram a ata de paz, nas condições altamente honrosas oferecidas pelo Barão de Caxias.

Em 27 de fevereiro, Vicente da Fontoura levou a ata de paz, subscrita por todos os chefes farroupilhas e as proclamações de David Canabarro, de Lucas de Oliveira para serem lidas no outro dia, na Lagoa das Conchas, em Ponche Verde.

No dia 28 de fevereiro, o incansável Vicente da Fontoura retornou ao Ponche Verde, (Lagoa das Conchas) com a proclamação de David Canabarro, de Lucas de Oliveira e a do Barão de Caxias, esta com a data de 1º de março.

Lidas, em Lagoa das Conchas (Ponche Verde), as três proclamações em 28 de fevereiro, somente, em 1º de março, chegou a Paz para os farroupilhas, com a leitura da Proclamação de Caxias lida na costa do Santa Maria e com a expedição de Circular a todo o Exército, tendo anexa a sua proclamação declarando "*estar terminada a guerra civil nesta Província*". Ela foi o selo da Paz.

GUARDA VELHA DO SANTA MARIA

A confraternização entre farroupilhas e imperiais começou, efetivamente, a partir de 1º de março, após as leituras da proclamação de Caxias na Guarda Velha do Santa Maria. Antes deste evento, as tropas dos imperiais e dos farroupilhas não tiveram contatos diretos.

Cada uma permaneceu em seus acampamentos, servindo de elo negociador da paz, o republicano Antônio Vicente da Fontoura, que desempenhou um relevante papel. Se comprovado, que foi próximo do atual local da cidade de D. Pedrito que o Barão de Caxias mandou ler a sua proclamação que pôs fim à revolução, o papel de Dom Pedrito ficará mais realçado na Pacificação da Revolução Farroupilha.

DOM PEDRITO DA PACIFICAÇÃO

A povoação de Dom Pedrito teve início em 1852, com a criação da capela sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, embora seu progresso tenha tido lugar após a Revolução Farroupilha.

Antes de Dom Pedrito tornar-se município, suas terras faziam parte do terceiro e quarto Distritos de Paz de Bagé, lembrando, por certo, fatos históricos e memoráveis que tiveram nos mesmos, relacionados com o Ponche Verde, acampamento farroupilha e Guarda Velha do Santa Maria.

Ao tomar-se município, Dom Pedrito poderia ter se chamado, com muita propriedade e orgulho cívico, de Paz, Pacificação ou mesmo Ponche Verde.

No entanto, foi-lhe dada uma denominação lembrando a figura simpática de um contrabandista estrangeiro que por ali vivera.

Para conciliar a tradição e evocar-se eternamente os fatos memoráveis que tiveram lugar em suas terras, o historiador submete à apreciação das autoridades e povo de Dom Pedrito a mudança de denominação do município para Dom Pedrito da Paz ou Dom Pedrito da Pacificação.

Se acolhida a sugestão, teríamos um município de denominação composta, a semelhança de Santo Antônio da Patrulha e Santana do Livramento.

Uma coisa, porém, é certa. Não podem ser separadas as projeções históricas de dois locais na pacificação da Revolução Farroupilha - Ponche Verde, (Lagoa das Conchas) QG e acampamento dos farroupilhas - e Guarda Velha do Santa Maria ou margem direita do Santa Maria - QG do Barão de Caxias e acampamento de suas tropas.

A vista destes fatos tende o historiador ou intérprete de nosso processo histórico dar mais projeção a um ou outro local dentro do espírito dos Objetivos Nacionais Permanentes de Unidade e Integridade.

O GENERAL OSÓRIO E A PACIFICAÇÃO

No dia seguinte às proclamações de paz, lidas em 1º de março no Ponche Verde e na margem do Santa Maria, o primeiro imperial a ir confraternizar com os farroupilhas, foi o Tenente Coronel Manuel Luiz Osório, mais tarde Marquês do Herval, ou, simplesmente, General Osório para todo o povo brasileiro, para o qual tomou-se um símbolo. Ele é o patrono da Arma de Cavalaria do Exército.

Confraternizou com seus irmãos da forma mais comovente: foi até ao acampamento do Ponche Verde para recrutar, ao seu legendário regimento, homens voluntários que haviam combatido como farroupilhas.

A grandeza de seu gesto diz bem o sentido de suas palavras a seu filho e biógrafo, Fernando Luiz Osório, ao passar anos mais tarde pelo Ponche Verde:

"Neste local, meu filho, foi onde os farroupilhas que se bateram com valor transigiram com dignidade e os imperiais, que os combateram com pertinácia, os receberam com amor".

E, a Osório, entre tantos grandes papéis que iria desempenhar em nossa história caberia a suprema ventura, na qualidade de brasileiro do Rio Grande do Sul, de representar a família brasileira, neste grande e simbólico abraço de amor, de harmonia e de esquecimento de águas passadas.

Anos depois, em 1851-52 e 1865-70, estes bravos a quem Caxias e Osório estenderam os braços, num abraço de irmãos, os seguiram nos campos de batalha na Argentina e Paraguai, em defesa da Soberania e da Integridade do Brasil ameaçadas.

O DOCUMENTO QUE SELOU A PAZ

Em 1º de março de 1845, o Barão de Caxias fez expedir de seu Quartel General, no Campo de Alexandre Simões, o seguinte documento e sua proclamação da mesma data:

"Circular aos comandantes das guarnições da Província. Pela leitura da proclamação inclusa, ficará V. Excia ciente de estar terminada a guerra civil nesta Província e por isso ordeno que ponha em plena liberdade a todos os indivíduos que por motivo da revolução aí se acharem presos, fazendo recolher todas as forças que, por ventura, ainda estiverem, empregadas em operações. Muito estritamente recomendo a V. Excia ser sua responsabilidade, o exato cumprimento de quanto é determinado no decreto a que se refere a mencionada proclamação, a qual deverá ser lida em voz alta à frente de toda a tropa de seu comando e publicada a toque de caixa ou cornetas.

Deus guarde a V. Excia.

Quartel General da Presidência da Província e do Comandante em Chefe do Exército, no campo de Alexandre Simões, Costa do Santa Maria. 1º de março de 184S. (a) Barão de Caxias."

Conforme demonstra o presente documento, encontrava-se no atual município de Dom Pedrito, em 1º de março, a sede do governo do Rio Grande do Sul e o QG do Exército, sob o comando do Barão de Caxias.

Caxias deslocou-se para Bagé, no dia 3 de março e, a 4, autorizou a David Canabarro que o Exército Farroupilha de 1ª linha, aguardasse a desmobilização entre a Costa do Santa Maria e o Passo de Dom Pedrito (atual cidade do mesmo nome).

Fontes consultadas:

CAXIAS, Barão de. OFÍCIOS 1842-45 In: Primeira Exposição Geral do Exército. Rio de Janeiro, Imprensa Militar, 1950.

_____. ORDENS DO DIA 1842-45. Rio de Janeiro Imprensa Militar 1943 .

Município de Dom Pedrito. In: Enciclopédia dos Municípios Rio de Janeiro, IBGE, 1958 v. 33, p. 157-62.

FONTOURA, Antonio Vicente da. Diário, Porto Alegre, RIHGRGS trimestre II, III

MAPOTECA DA COMISSÃO DE HISTORIA DO EXÉRCITO (cópia do mapa do itinerário percorrido pelo Exército Demarcador Português do Tratado de Madrid, de 1750, no Rio Grande do Sul, ano 1756).

PS: O artigo a seguir foi escrito pelo atual Cel. Cláudio Moreira Bento que acaba de publicar no Ponche Verde de 7 e 8 de março 2.000, por gentileza de seu editor, o artigo a seguir, em apoio ao tradicionalista e historiador pedritense Nelso S. Oliva autor de D. Pedrito e a Paz Farrroupilha que veio a lume com apoio de autoridades e pedritenses ilustres.

OS 155 ANOS DA PAZ FARRAPA DE D. PEDRITO EM 28 FEV. EM 1º MAR. 1845

Cel Cláudio Moreira Bento

Faz 27 anos, publicamos na A Defesa Nacional jan/fev 1973 artigo "CONTRIBUIÇÃO AOS FESTEJOS DO CENTENÁRIO DE D. PEDRITO" pelo qual nosso ilustre confrade no IHTRGS, Adilson Nunes de Oliveira tem demonstrado apreço e nos considerado como um dos historiadores de D. Pedrito, o que muito nos honra. Nele, com apoio em mapas antigos pertencentes ao Exército, fizemos um retrospecto da história de D. Pedrito 1750-1845, com ênfase na pacificação da Revolução Farrroupilha que teve por cenário histórico as suas terras - Lagoa das Conchas, último acampamento farrapo e, margem direita na costa do Santa Maria, acampamento imperial do Barão de Caxias. Sobre estes locais históricos escrevemos então: "Eles se assemelham a duas irmãs siamesas. Não podem separar-se em projeção histórica quanto a pacificação da Revolução Farrroupilha. "E hoje vamos mais longe! Nestes locais teve lugar a pacificação da Família Brasileira e seu reencontro depois de cerca de 13 anos de lutas fratricidas que ameaçaram a Unidade Nacional e a transformar o Brasil numa colcha de retalhos de pequenas nações hostis entre si. E desta dualidade expressiva, penso que a paz farrapa melhor seria mencionada na História do Brasil e do Rio Grande do Sul como a Pacificação Farrroupilha de D. Pedrito, em 28 fev. e 1º mar 1845, por sintetizar os dois fatos expressivos e de equivalente projeção. Ou sejam: Em 28 fev. a reunião em Lagoa das Conchas de todo o Exército Farrapo, com a leitura das proclamações farrapas de Davi Canabarro e Lucas de Oliveira e a imperial do Barão de Caxias e, em 1º mar, na Costa do Santa Maria, acampamento imperial, com a leitura da proclamação de Caxias, lida no dia anterior no acampamento farrapo e, a expedição por Caxias, de Circular a todos os comandos imperiais subordinados, com a citada proclamação anexa. Circular que mencionava a caras altura: *"Pela leitura da proclamação, fica V. Mc ciente de estar terminada a guerra civil nesta Província"*. Esta circular foi o selo da pacificação e ordem para a suspensão de todas as atividades bélicas. Enfim - a Paz!

Quando D. Pedrito era distrito de Bagé foi conhecido ao que parece oficialmente, como distrito da Paz ou da Pacificação, por haver sido cenário da Pacificação Farrroupilha. Daí sugerirmos, em 1972, o município chamar-se oficialmente de D. Pedrito da Paz ou da Pacificação. Mas a idéia evoluiu para melhor ao ser chamado, por decreto, pelo cognome de D. Pedrito, Capital da Paz. Mas poderia ao final, caso os pedritenses decidissem, talvez até em Plebiscito, chamar-se oficialmente D. Pedrito da Pacificação e como complemento o cognome D. Pedrito, a Capital da Paz, de inspiração justíssima em 1970. segundo Nelso Oliva, da poetisa Marília Alencastro Maia. Um apodo de apelo turístico como: "Rio Grande, a noiva do Mar", "Pelotas, a Princesa do Sul!" "Canguçu, a Magnífica dos Cerros", "Piratini, a Capital Farrapa", "Bagé a Rainha da Fronteira" e assim por diante.

Em 1972 sugeríamos que os locais históricos pedritenses de magna projeção histórica na preservação do objetivo nacional de Unidade Nacional fossem bem balizados e definidos.

E foi com imensa satisfação, ao lermos D. Pedrito e a paz farrroupilha, conhecemos que o seu autor Nelson S. Oliva, um inspirado doublé de historiador e tradicionalista, recordou, com propriedade, os eventos de D. Pedrito relacionados com o Decênio Heróico e, fundamentalmente, em muita significativa contribuição à História do Brasil, localizou e ajudou a balizar com obeliscos, para a referência e reverência das futuras

gerações, os seguintes locais históricos: Costa do Santa Maria - margem direita (hoje campos do Dr. Armando Azambuja de Almeida) local onde Caxias proclamou a Paz e expediu Circular dando por terminada a luta civil que durara quase 10 anos; Lagoa das Conchas (campo do Sr. Antero Assis Meireles), último acampamento farrapo, onde foram lidas em 28 de fev 1845 as 3 proclamações de paz; Combate de Ponche Verde, local onde feriu-se em 26 maio 1843 este combate indeciso; Quartel General Imperial do Barão de Caxias, no histórico e estratégico passo de Dom Pedrito (onde Caxias esteve acampado com o Exército); Estância da Música, em campos do Sr. Carlos Machado e o local do combate do Santa Maria Chico, em campos do Sr. Virgílio dos Santos, onde ao descrever o combate, o historiador Nelso Oliva referiu-se ao Sargento Fetter haver salvo Chico Pedro. Aquele, era em realidade, o sargento imperial Jacob Fetter, tronco da ilustre família Fetter de Pelotas e alhures, cuja atuação militar resgatamos às páginas 484/490 da monumental obra genealógica, em 1977, Os Vetter/Fetter - 170 anos no RGS, de autoria do Deputado Federal pelotense Fetter Júnior,

É com muita satisfação que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que tem como seu patrono o Duque de Caxias, tão justamente reverenciado por Nelso Oliva e o Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) acolhem e festejam o seu muito bem vindo D. Pedrito e a Paz Farrroupilha, com votos que ele aprofunde ainda mais no tema D. Pedrito - A Capital da Paz.

Como estudiosos do tema em O Exército farrapo e os seus chefes 1992-93 e Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias (Brasília: EGGCF, 1989), muito aprendi com Nelso Oliva, em seu livro acerca de detalhes da Pacificação. No último livro citado biografamos, pela primeira vez, Francisco Azambuja Brusque de Abreu, o grande guerreiro imperial que dominava a Guerra à gaúcha e que passou à história como Chico Pedro e "Moringue" e, consagrado, mais tarde, como Barão de Jacui, lembrado também pela liderança de incursões no Uruguai chamadas Califórnia de Chico Pedro e, comandante da Fronteira com o Uruguai na Guerra do Paraguai. Chico Pedro que a partir de novembro de 1842 baseou sua Ala Esquerda do Exército de Caxias, em Canguçu, onde construiu a cadeia local só demolida em 1939 para servir "Como quarto de hóspedes farrapos". Prédio que foi usado como Posto de Comando do Capitão Antônio Sampaio de 1846-49, atual patrono da Infantaria do Exército, como comandante de uma Companhia de Infantaria, para ali assegurar a Paz, a meio caminho das ex capitais farrapas Piratini e Caçapava.

Nelso S. Oliva é mais um historiador a substituir na trincheira do culto da História e da Tradição do Rio Grande do Sul, ilustres historiadores gaúchos falecidos, entre os quais os inspirados pedritenses Hélio de Almeida Brum e Laudelino Teixeira Medeiros que recorro para a reverência da terra pedritense que tanto amaram e honraram.

Sobre as condições honrosas da Paz Farrroupilha deixemos falar Bento Gonçalves da Silva, em carta que publicamos em O Exército Farrapo e os seus chefes (Rio: BIBLIEx, 1992, p.20) do qual doamos exemplar ao Museu Paulo Firpo e que foi alvo de estimulante artigo do confrade Adilson Nunes de Oliveira na imprensa pedritense:

"Sabe« (a Dionizio Amaro da Silva, em 6 mar. 1845) que por fim temos uma paz que só conseguimos pela generosidade do Barão de Caxias. Deste homem verdadeiramente amigo dos rio-grandenses que não podendo fazer-nos publica mente a paz, por causa da péssima escolha dos negociadores e da estupidez sem igual dos que a dirigiram, nos fez o Barão o que já não podíamos esperar, salvando assim, em grande parte a nossa dignidade",

Dom Pedrito foi também, palco, em 1o de março de 1845, da primeira libertação em massa de escravos, 43 anos antes da Lei Áurea, por iniciativa de Caxias, conforme temos escrito artigos com o título "Caxias - pioneiro abolicionista". Vejamos: Por sua conta e risco no Convênio de Ponche Verde, tão bem estudado pelo falecido amigo Oscar Wiedersphan, Caxias incluiu a seguinte cláusula. "4 - São livres e como tai reconhecidos todos os cativos que serviram a República". Com isto desobedeceu ao Gabinete Liberal que assim desejava o teor desta cláusula; "5 - Os escravos que fizeram parte das forças rebeldes, depois de apresentados serão remetidos para esta Corte, à

disposição do Governo que lhes dará o conveniente destino". Segundo Wiedersphan o conveniente destino seria envia-los para a Imperial Fazenda de Santa Cruz como escravos estatais.

Para desbordar esta ordem iníqua, os 120 ex- escravos lanceiros negros apresentados a Caxias em Ponche Verde e que se haviam celebrizado ao comando do canguçuense Cel Joaquim Teixeira Nunes, a maior lança farrapa segundo o General Tasso Fragoso, Caxias os incorporou como livres à Cavalaria Ligeira do Exército. E usou o seguinte artifício: Invocou o Aviso de 19 nov 1838 que assegurava liberdade aos ex- escravos que desertassem do Exército Farrapo e se apresentassem às autoridades imperiais. E foi assim que evitou o envio deles para o Rio, daí o seu pioneirismo abolicionista tendo por testemunha os campos pedritenses de Ponche Verde. Evento histórico de grande projeção na conquista do objetivo permanente de Paz Social.

D. Pedrito, em realidade, é o exemplo da "FRONTEIRA DO VAI VEM", (mencionada por Hélio Moro Mariante em poesia épica), na disputa entre espanhóis e portugueses. O atual território de D. Pedrito foi Espanhol pelo Tratado de Tordesilhas. Espanhol e Português pelo Tratado de Madrid, tendo o Santa Maria como Fronteira. Espanhol pelo Tratado de Santo Ildefonso de 1777. Mais uma vez Português e Espanhol pela conquista de seu território na margem esquerda do Santa Maria na Guerra de 1801, tendo este novamente como Fronteira e somente português, com a conquista portuguesa em 1812, por D. Diogo de Souza do distrito de Entre Rios entre os rios Santa Maria, Ibicuí, Uruguai e Quarai. Esta confirmada em 1821 com a incorporação do Uruguai ao Brasil português como Província Cisplatina e, consolidada com a independência do Uruguai em 1828. Estes são pontos de bela História pedritense, com marcos luminosos na batalha para a conquista da Unidade Nacional, com a Paz Farrroupilha e da Paz Social, com a libertação de escravos por Caxias, 43 anos antes da lei Áurea.

(x) Historiador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul.

Memórias Ao ingressarmos na Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre em 1951, logo estabeleci amizade com o pedritense aluno Nilton Cardona Vargas. Amizade que se transmitiu a outros pedritenses que participavam de nossa roda de mate, cuja água era aquecida por um aquecedor denominado **Rabo Quente**, uma resistência envolta numa cápsula de plástico com furos que era ligado nas tomadas das salas de aula. Na revolução de 64, o meu amigo se envolveu contra e terminou sendo transferido para Manaus, onde o visitei certa feita ao por lá passa. E, com o tempo não mais dele tive notícias. Era um bom e solidário amigo!

Passei por D. Pedrito algumas vezes participando de encontros de microistória e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. E conhecia muito de suas história. A última vez foi pesquisando a História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada tendo me hospedado na Companhia de Engenharia, o pernoitado no antigo PC do comandante do então 14º RC cujas histórias conhecia. Certa feita depois de fazer uma palestra sai de ônibus alta horas da noite em direção a Porto Alegre. O ônibus estava meio vazio. A certa altura acordei e olhei pela janela e via uma cidade toda iluminada e pensei estar passando por Bagé. Mas em realidade estava chegando em Porto Alegre. Foi a primeira vez que consegui dormir viajando de carro, ônibus ou mesmo avião. E a distância D. Pedrito –Porto Alegre é longa. E eu ferrei no sono para valer. Conheci o Museu do Adilson, o Salão Nobre da Prefeitura e a celebre Caixa D'Água. Recordar é reviver! Hoje o meu mais dedicado constante parceiro é o Cel Luis Ernani Caminha, filho de D. Pedrito. E com ele temos enriquecido a História Militar do Rio Grande do Sul

Dizeres de placa conferida pelo Município de D.Pedrito
CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

GRANDE É A SUA PRESENÇA EM NOSSA HISTORIOGRAFIA

D.PEDRITO, 30 DE OUTUBRO DE 2001

QUINTILIANO MACHADO VIEIRA PREFEITO MUNICIPAL

(A propósito seu livro **Contribuição à História de D.Pedrito. D.Pedrito: Prefeitura Municipal, 2001. Obra abordando : Contribuição à História de D.Pedrito (reprodução de artigo em A Defesa Nacional o título Contribuição aos festejos do centenário do Município de D. Pedrito nº 647, jan/fev1973 e os 155 anos da Paz Farrpipilha D Pedrito 28 fev e 1º mar 1845**